

A edição de Engels do Livro 3 de *O capital* e o manuscrito original de Marx*

MICHAEL HEINRICH**

Quando Karl Marx morreu, em 1883, ele havia podido publicar apenas o primeiro volume de *O capital* em duas edições alemãs (1867 e 1872/1873), bem como uma tradução francesa por ele revisada (1872/1875). Depois de sua morte, Friedrich Engels prestou-lhe a última e talvez maior prova de amizade: pôs grande parte dos seus próprios projetos científicos de lado e, além da sua correspondência política, dedicou-se sobretudo à edição, a partir do espólio de Marx, do Livro 2 e do Livro 3 de *O capital*, que apareceram em 1885 e 1894. Além disso, ele supervisionou uma tradução do Livro 1 para o inglês (1887) e aprontou uma terceira e uma quarta edição alemã do Livro 1 (1883 e 1890), nas quais introduziu uma grande parte das modificações que Marx havia feito para a edição francesa. Sem essa ampla atividade editorial de Engels, em especial com a publicação do Livro 2 e do Livro 3, *O capital* jamais teria tido a enorme influência que teve no século XX.

Devemos não só ao autor Marx, mas também ao editor Engels, a possibilidade de discutir *O capital* hoje em dia. Mas essa grande admiração por Engels não deve fazer que lidemos de modo acrítico com a sua edição. Engels tinha muita autocrítica; em 15 de outubro de 1884, depois da morte de Marx, ele escreveu para Johann Philipp Becker:

* Artigo original em inglês: Engels' Edition of the Third Volume of *Capital* and Marx's Original Manuscript. Tradução do inglês por Sávio Cavalcante e dos trechos em alemão por Jorge Grespan. Para a presente publicação na *Crítica Marxista*, o autor fez uma atualização e algumas modificações no texto original.

** Cientista político e matemático, ex-professor da Universidade Livre de Berlim e atual redator da revista *Prokla*. E-mail: m.heinrich@prokla.de.

Ao longo da minha vida, eu fiz aquilo para o qual estava preparado, a saber, tocar o segundo violino; e acredito ter feito isso de modo muito passável. Tive a felicidade de ter um primeiro violino como Marx. Mas quando, de súbito, devo tomar o lugar de Marx em assuntos teóricos e tocar o primeiro violino, a porca torce o rabo, e ninguém sente isso mais do que eu. (Marx; Engels, 1987, p.218)

A seguir, quando a edição de Engels para o Livro 3 de *O capital* for discutida de modo crítico, isso corresponderá apenas à atitude crítica do próprio Engels.

Contudo, observou-se com mais frequência que por quarenta anos Marx e Engels estiveram unidos não só por uma estreita amizade, como também por uma comunhão na luta política; que eles mantiveram contato intenso e que ninguém conhecia tão bem as opiniões científicas e políticas de Marx quanto Engels. Portanto, conclui-se, se Engels fez modificações nos manuscritos de *O capital*, ninguém melhor do que ele poderia julgar a legitimidade de tais modificações.

A isso deve-se replicar de duas maneiras. Em primeiro lugar, o contato entre Marx e Engels sobre questões políticas, sobre a avaliação de acontecimentos, pessoas ou estratégias políticas foi, de fato, enorme. Mas no que se refere aos estudos científicos e, principalmente, a *O capital*, esse contato há muito tempo não era tão forte. A troca de cartas revela que Marx de vez em quando fazia perguntas específicas a Engels, em especial relativas a conhecimentos sobre a prática dos negócios. Questões teóricas, no entanto, eram discutidas muito raramente. Marx também não trocava manuscritos com Engels. Este foi apresentado ao Livro 1 de *O capital* apenas quando Marx enviou a ele as cópias tipográficas em 1867. Do Livro 2 e do Livro 3 de *O capital*, Engels só conhecia o plano geral que Marx lhe comunicara na carta de 30 de abril de 1868 (Marx; Engels, 1984, p.70). Como se depreende das cartas de Engels, ele não tinha ideia, quando Marx morreu, de quanto tempo necessitaria a elaboração dos Livros 2 e 3. Em segundo lugar: para poder discutir em geral se as modificações de Engels são adequadas ou não, é preciso, antes de tudo, conhecê-las. Essa é a finalidade do artigo que se segue.

O que era conhecido até agora sobre a atividade editorial de Engels do Livro 3 de *O capital*?

Em 1894, quando Engels publicou o terceiro livro de *O capital* a partir do legado literário de Marx, 27 anos tinham se passado desde a primeira publicação do Livro 1. Agora, a principal obra de Marx parecia estar completa; pelo menos no que se refere à sua parte “teórica”, na medida em que Marx tinha planejado um quarto livro teórico-histórico nos anos de 1860.¹ Desde que foi publicado, o

¹ Marx retomou seus estudos econômicos na década de 1850 em Londres e, finalmente, escreveu três grandes esboços, que são hoje chamados de “esboços para *O capital*”. Como já discutido em outros momentos, essa atribuição é questionável. Os dois primeiros rascunhos, os *Grundrisse* de 1857-1858 e *Crítica da Economia Política* (1861-1863, incluindo *Teorias da mais-valia*), seguem

terceiro livro causou fortes controvérsias sobre a teoria econômica de Marx. O problema da transformação dos valores em preços de produção, a queda da taxa de lucro, a teoria sobre a crise ou a análise do sistema de crédito: todas essas questões se referem a partes do Livro 3 de *O capital*. Em pouco tempo, foi levantada a questão sobre o grau de interferência de Engels no texto de Marx durante a edição do manuscrito (Gide/Rist, 1913, p.514). O manuscrito de 1864/1865, aquele que Engels mais usou para a publicação, foi publicado pela primeira vez em 1992 na *Marx Engels Gesamtausgabe* (MEGA),² o que significa que, agora, pela primeira vez em cem anos, duas questões podem ser examinadas: 1) em que medida e com quais implicações de conteúdo Engels interveio no manuscrito original de Marx durante seu trabalho editorial e 2) que ponto Marx de fato alcançou em sua elaboração do terceiro livro de *O capital*?

Dois anos após a morte de Marx, Engels já havia publicado o Livro 2 de *O capital* a partir do legado de seus escritos. No prefácio dessa publicação, ele escreveu sobre o livro terceiro, que ainda estava para ser publicado: “O preparo deste livro para a impressão marcha aceleradamente. Tanto quanto posso julgar até agora, trará especialmente dificuldades técnicas, com a exceção de algumas seções muito importantes” (Marx, 1984a, p.8).

o plano de uma obra de seis livros (capital, propriedade da terra, trabalho assalariado, Estado, comércio exterior e mercado mundial) e, para o livro sobre *O capital*, metodologicamente, a distinção entre “capital em geral” e “competição dos muitos capitais” (*Konkurrenz der vielen Kapitalien*) era crucial. Somente durante o trabalho sobre o esboço de 1861-1863, o plano de publicar um trabalho independente, *O capital*, foi desenvolvido. Entre 1863 e 1865, o terceiro grande esboço foi escrito, um manuscrito para os três livros teóricos de *O capital*, que não seguiu nem o plano dos seis livros, nem a distinção entre “capital em geral” e “competição”. Do manuscrito referente ao Livro 1, apenas o último capítulo, “Resultados do processo imediato de produção”, sobreviveu, o qual Marx não usou, quando da publicação do livro primeiro em 1867. O manuscrito para o terceiro livro, escrito em 1864-1865, foi usado por Engels como base para a sua edição do Livro 3 de *O capital*, que apareceu em 1894. Para o segundo livro de *O capital*, Engels não usou o manuscrito correspondente de 1864-1865, mas textos posteriores, que Marx escreveu entre 1868 e 1878 (cf. Rosdolsky, 2001; Heinrich, 1989).

- 2 Marx, 1992. A MEGA tem sido publicada em Berlim (RDA) desde 1975. Foi publicada pelos Institutos de Marxismo-Leninismo em Berlim e Moscou até 1989. Depois do colapso do bloco soviético, foi dado prosseguimento ao projeto MEGA sob um novo organismo internacional com financiamento independente de partidos políticos e, agora, é publicada pela Internationale Marx-Engels Stiftung (IMES) – Fundação Internacional Marx e Engels, sediada em Amsterdã. A MEGA é uma edição histórico-crítica de todos os escritos de Marx e Engels. É dividida em quatro partes: a Seção I contém todas as obras, exceto *O capital* e seus escritos preparatórios; a Seção II contém *O capital* e os escritos preparatórios; a Seção III contém todas as cartas de Marx e Engels e as cartas que lhes foram dirigidas por outros; e a Seção IV contém fragmentos. Até hoje, mais de sessenta volumes foram publicados, e a MEGA terá mais de 114 volumes. No entanto, nem todos os volumes serão publicados como livros impressos, alguns serão apenas *on-line*. Essa já é a segunda tentativa de uma edição completa das obras de Marx-Engels; nas décadas de 1920 e 1930, doze volumes de uma primeira MEGA foram publicados na Alemanha e na União Soviética. Na Alemanha, a vitória do fascismo terminou o trabalho da MEGA; na União Soviética, foi o stalinismo. Em 1938, David Riazanov, diretor do Instituto Marx-Engels-Lenin de Moscou e primeiro editor da MEGA, foi condenado em um curto julgamento de fachada e imediatamente executado.

A despeito da expectativa causada por essa afirmação, segundo a qual o Livro 3 seria publicado tão rápido quanto o Livro 2, levou mais de nove anos até que finalmente ele fosse acabado. Nesse ínterim, Engels anunciou sua publicação repetidamente, especialmente em cartas. Tendo em vista o longo período até a data de publicação (e mesmo considerando as outras obrigações de Engels), é possível supor que a publicação do manuscrito tenha exigido um grande esforço e a questão é saber para qual tarefa esse esforço foi dirigido. No prefácio do livro enfim publicado, Engels apresenta um balanço de sua atividade editorial. Ele define o manuscrito de Marx como um “primeiro rascunho” extremamente “incompleto”:

Em regra, a parte inicial de cada uma das seções individuais estava elaborada de modo bastante cuidadoso, estando também estilisticamente acabada. Mas quanto mais se avançava, tanto mais a redação se reduzia a um simples esboço e apresentava mais lacunas, tanto maior o número de digressões sobre pontos secundários, surgidos ao longo da investigação e cujo local definitivo ficou dependente de um ordenamento ulterior, tanto maiores e intrincados se tornavam os períodos em que se expressavam os pensamentos anotados in *status nascendi*. (Marx, 1984b, p.6)

Sobre sua própria editoração do texto de Marx, Engels escreveu:

Eu a limitei ao mínimo necessário; procurei manter, sempre que a inteligibilidade o permitia, o mais possível, o caráter de primeiro esboço [...]. Onde minhas alterações ou acréscimos ultrapassam os limites da editoração, ou onde eu tive de reelaborar os dados fornecidos por Marx, tirando conclusões próprias – ainda que, o mais possível, no espírito de Marx –, toda a passagem está colocada entre colchetes e assinalada com minhas iniciais. (Marx, 1984b, p.6)

Essa afirmação sugere que Engels assinalou todas as suas intervenções textuais enquanto tais (exceto aquelas que não “excediam os limites da editoração”). Porém, na caracterização seguinte de cada parágrafo, ele elenca um número grande de transposições, adições, contrações e alterações similares, feitas em especial na parte V, na qual ele até mesmo dissolveu um capítulo inteiro e distribuiu seu conteúdo. Mas ele, assim, “conseguiu trabalhar *todas* as afirmações relevantes do autor no texto”. Aqui Engels também diz: “Naturalmente, não foi possível fazer isso sem grandes interpolações de minha parte para estabelecer o nexo. À medida que essas interpolações não são de natureza apenas formal, estão expressamente assinaladas como minhas” (Marx, 1984b, p.8).

Essa afirmação diz de forma inequívoca que Engels de modo algum indicou todas as interpolações e alterações que realizou. O prefácio não oferece pistas a respeito do alcance dessas alterações. Deve-se admitir, contudo, que elas não foram de modo algum pequenas.

O adendo de *O capital* escrito por Engels também indica alterações consideráveis. Nele, Engels escreveu que tentou “eliminar dificuldades de entendimento” e “acentuar aspectos significativos, cuja importância não sobressai suficientemente no texto” (Marx, 1985, p.321). Desse modo, o próprio Engels quis transmitir aos leitores o que era importante, ao corrigir o original. Uma carta a Danielson de 4 de julho de 1889 também mostra a dimensão das manipulações realizadas. Engels escreveu:

Mas como esse livro final é um trabalho grandioso e totalmente inatacável, eu considero meu dever colocá-lo em uma forma na qual a linha geral da argumentação se explicita com clareza e plasticidade. No estado em que se encontram esses manuscritos – um primeiro esboço, frequentemente interrompido e inacabado –, isso não será fácil de fazer. (Marx; Engels, 1986, p.244)

De modo geral, as próprias caracterizações de Engels a respeito de sua atividade editorial são contraditórias. Por um lado, ele alega ter feito apenas pequenas alterações e buscado fazer que Marx falasse “com suas próprias palavras” o tanto quanto fosse possível (Marx, 1985, p.321) e também que ele não quis eliminar o caráter de esboço do texto. Sua editoração mostra, de fato, que o terceiro livro não estava de forma alguma “acabado”. Por outro lado, contudo, há evidências de que Engels deve ter feito um número elevado de modificações textuais, que não são indicadas aos leitores, no sentido de clarificar “a linha geral de argumentação” (*Gesamtlinie der Beweisführung*) ou o que Engels supôs que assim fosse. Desse modo, Engels pode não ter sido tão contido tal como alegou.

Essa caracterização contraditória de seu tratamento editorial do texto de Marx é obviamente expressão de suas próprias intenções contraditórias. Por um lado, Engels tentou preservar o caráter inacabado do manuscrito de Marx e apresentar um texto autêntico aos leitores. Por outro, entretanto, ele quis tornar o texto mais compreensível (especialmente em razão da importância política do livro); os pontos mais importantes eram para estar evidentes não por comentários, mas pela própria redação. Porém, esses dois objetivos são mutuamente excludentes.

Uma visão geral das modificações textuais de Engels

A comparação entre o manuscrito original e a edição de Engels mostra que, em quase todas as páginas, existem modificações do texto original que não foram indicadas. Dificilmente um parágrafo permanece como Marx o escreveu. As modificações de Engels não incluem só aspectos “estilísticos”. Suas modificações podem ser classificadas da seguinte forma:³

3 Uma primeira classificação (que difere da classificação acima) pode ser encontrada em Jungnickel (1991). Em Vollgraf e Jungnickel (1994), essa primeira classificação é refinada e ilustrada com uma série de exemplos.

Projeto dos títulos e tópicos. A estrutura do manuscrito

Até mesmo o título do manuscrito foi alterado por Engels, que transformou “Formações do processo como um todo” [*Gestaltungen des Gesamtprozesses*] em “O processo de produção capitalista como um todo” [*Der Gesamtprozess der kapitalistischen Produktion*]. Desse modo, uma analogia entre os títulos dos livros 1 e 2 é criada, mas, ao mesmo tempo, certa indefinição presente no título de Marx é eliminada. Além do mais, se o objetivo era o de fazer conexão com os títulos anteriores, a questão é se o título deveria mencionar “reprodução” e não “produção”.⁴

Engels também realizou uma segmentação detalhada do texto. O manuscrito original era apenas dividido em sete capítulos com poucas ou nenhuma subdivisões. Engels transformou os sete capítulos em sete partes, com 52 capítulos e uma série de subparágrafos. Muitos dos cortes na estrutura, bem como a maioria dos títulos, foram criados por Engels: o texto de Marx consiste em 34 títulos (e cinco temas em elaboração que são apenas numerados), enquanto a edição de Engels contém 92 títulos.

A organização de um texto e os títulos utilizados influenciam fortemente, é claro, a sua compreensão, especialmente quando o texto não está terminado, e sim, como é o caso, com inúmeras partes incompletas e apenas esboçadas. Ao unir em capítulos essas partes apenas esboçadas e inserir títulos, não apenas se oculta esse caráter de rascunho. Mais do que isso, os leitores não podem mais dizer em que ponto do manuscrito a “exposição” se transforma em “investigação”. Porém, a diferença entre exposição [*Darstellung*] e investigação [*Forschung*] é importância central para o próprio entendimento de método de Marx.⁵ Para Marx, “exposição” não significa apenas a montagem mais ou menos hábil de resultados finais. A correlação factual das relações apresentadas deve ser expressa pela correta exposição das categorias. Para Marx, a busca de uma exposição adequada é uma parte essencial do seu processo de investigação. Mas a diferença entre a exposição completa e incompleta está oculta pela estrutura imposta por Engels. Além disso, este tentou reforçar a coerência textual por meio de omissões e frases de ligação. Os leitores deixam de saber que muitas partes do manuscrito de Marx estão em aberto e não foram concluídas em vários aspectos importantes para uma exposição final. Engels dá uma possível solução para tais problemas, sem deixar o leitor saber que há um problema no fim das contas: a solução dada *por Engels* parece ser uma elaboração quase completa de Marx.

Transposições textuais

Engels transpôs um grande número de trechos do texto de Marx. Os trechos transpostos consistem em partes de uma frase, longos parágrafos e o rearranjo de conjuntos inteiros de texto, como no quinto capítulo (Parte V na edição de Engels).

4 Vollgraf e Jungnickel (1994) também assinalaram esse ponto e mencionaram, nesse contexto, que Engels frequentemente substituiu “produção” por “reprodução”, ou vice-versa, nem sempre com uma razão clara.

5 Cf. posfácio à segunda edição do Livro 1 de *O capital*.

Aqui, um grave erro de Engels precisa ser mencionado. Marx queria começar seu sétimo capítulo “Rendimentos e suas fontes” com “1) A fórmula trinitária”. Engels acreditou ter encontrado três fragmentos independentes a respeito desse ponto, dois menores que foram chamados de I e II, e um mais longo, que foi rotulado de III. Esse último fragmento também tinha uma lacuna que Engels apontou para os leitores. Como Larissa Miskewitsch e Witali Wygodski (1985) conseguiram mostrar, após uma análise precisa do manuscrito antes do volume da MEGA ser publicado, eles não são três fragmentos independentes: os fragmentos marcados como I e II por Engels formam um texto contínuo que preenche exatamente a lacuna do fragmento III.

Omissões de texto

Engels fez uma série de exclusões relativas a palavras ou partes de frases, parágrafos inteiros e passagens de texto mais longas. Apenas algumas dessas passagens eram repetições; às vezes, eram afirmações substancialmente importantes, como, por exemplo, as reflexões sobre a transição do capítulo I ao capítulo II (Marx; Engels, 1992, p.282-283).

Troca de texto

Engels mudou a relevância de muitas passagens de texto: notas de rodapé foram integradas ao texto principal e muitos colchetes, também do texto principal, foram omitidos. A maioria das ênfases de Marx foi excluída, e Engels introduziu suas próprias ênfases em alguns lugares. A omissão de colchetes é especialmente problemática. Nem sempre é claro se o texto entre colchetes é um complemento para a argumentação em questão ou um comentário que não deveria de modo algum ser inserido naquele momento, ou mesmo se é uma reflexão preliminar, incompleta. Mas tais diferenciações desaparecem na exposição de Engels. Por exemplo, a famosa passagem sobre a pobreza das massas como a “razão última de todas as crises reais” (Marx, 1985, p.24), que é frequentemente citada como prova para a existência de uma teoria do subconsumo na obra de Marx, estava por acaso dentro de um desses colchetes e foi integrada ao texto principal por Engels. Ademais, Engels mudou o texto linguisticamente; mas essas meras transformações “estilísticas” facilmente se transformaram em alterações importantes no conteúdo – por exemplo, a substituição de “modo de produção” por “produção” na frase sobre a “razão última” de todas as crises (Marx; Engels, 1992, p.540; Marx, 1985, p.24).

Inserções e ampliação de texto

Engels fez um número elevado de inserções além daquelas que ele indicou com suas iniciais. Essas inserções dizem respeito a palavras, partes de uma frase, frases de ligação ou explicações ao texto. Podem ser encontradas até relativizações e ressalvas ao texto de Marx. A alteração de comentários metodológicos de Marx é especialmente crítica para a compreensão do texto, o que será analisado a seguir.

Modificações de menor importância

- Condensações textuais (Engels resumiu algumas passagens em que Marx se expressa de uma forma complicada);
- Alterações terminológicas;
- Alterações estilísticas de texto (em sentido restrito, por exemplo, a substituição de anglicismos);
- Alteração, substituição e eliminação de exemplos matemáticos;
- Correção de referências e de citações (e de sua tradução).

Esta visão geral já mostra que a edição de 1894 foi uma adaptação ampla do manuscrito de Marx, e Engels não informa os leitores sobre a verdadeira extensão da sua adaptação. O fato de que essa adaptação pode afetar o significado do texto original foi descrito anteriormente. Isso será mostrado de uma forma mais detalhada a seguir.

Entraves à interpretação causados pela edição de Engels

A teoria das crises

Marx não estruturou o terceiro capítulo de seu manuscrito que trata da *lei tendencial de queda da taxa de lucro*. Engels dividiu a parte correspondente da sua edição em três capítulos (capítulos XIII a XV); os dois primeiros seguem a argumentação de Marx, que estava elaborada de modo adequado no original. Posteriormente, o capítulo de Marx prossegue com uma grande quantidade de comentários, adições e abordagens argumentativas, o que não é elaborado mais adiante. Nesse ponto, não se trata mais de uma apresentação sistemática. O fato de Engels conceder a esse material um título de capítulo problemático (“Desdobramento das contradições internas da lei”), criando mais subcapítulos, inserindo títulos e aumentando a coerência do texto pela exclusão de parágrafos e omissão de colchetes, retoca consideravelmente o material do manuscrito original. E, realmente, esse capítulo XV – composto por Engels – foi frequentemente considerado uma “teoria da crise de Marx”, amplamente baseada na lei tendencial de queda da taxa de lucro. Mesmo que o texto publicado por Engels ainda mostre que Marx não deixou uma teoria da crise completa, a impressão que se tem é a de que Marx deixou uma estrutura bastante completa que apenas precisava ser preenchida.

No entanto, sequer é claro se o material adaptado por Engels foi realmente criado para constituir um parágrafo independente. Várias opções poderiam ter sido possíveis para uma elaboração futura: Marx poderia ter tentado transformar esse material em um capítulo independente em relação direta com a apresentação da lei tendencial de queda da taxa de lucro; poderia ter tentado formular um parágrafo independente sobre as crises capitalistas, por exemplo, integrando outro material da esfera do sistema de crédito; ele poderia também ter distribuído a apresentação dos vários fenômenos de crise citados em diferentes capítulos e evitar uma teoria da crise autônoma; ou talvez ele não tivesse querido usar uma grande parte do que tinha escrito sobre a crise nos três livros de *O capital*. Para cada uma dessas

opções, razões poderiam ser elencadas e, com cada opção, a teoria da crise obteria um significado diferente.⁶

Engels não só evitou mostrar que existe uma liberdade interpretativa como também interferiu diretamente no texto de Marx, assim que a interpretação que ele mesmo favorecia era contrariada. Por exemplo, Marx escreveu sobre a sobreprodução de capital (que Engels chamou, nesse momento, de sobreacumulação de capital): “a análise mais aprofundada dessa questão pertence ao estudo do *movimento de manifestação do capital*, no qual o *capital* portador de juros etc. de crédito etc. serão apresentados” (Marx; Engels, 1992, p.325); e é para se concordar com os editores do volume da MEGA que argumentam nas suas anotações que o “movimento de manifestação do capital” não pertence às matérias tratadas em *O capital* (Marx; Engels, 1992, p.1255). Engels, no entanto, transformou a observação de Marx em seu oposto. Ele omitiu o texto de Marx e escreveu em seu lugar: “o exame mais detalhado dela é feito mais adiante” (Marx, 1984b, p.189). Na verdade, algumas observações sobre sobreprodução ou sobreacumulação de capital estão mesmo mais adiante. O fato de Marx, obviamente, não atribuir uma relevância sistemática a elas nesse momento, pois ele considera que o objeto não pode ser tratado no nível de abstração alcançado,⁷ foi transformado em seu oposto pela alteração textual Engels.

Teoria do crédito

Uma situação semelhante ocorre no quinto capítulo do manuscrito original de Marx. Aqui, pelo menos Engels deu uma ideia, no prefácio, da extensão das transposições que efetuou. Também nesse capítulo, a exposição de Marx logo muda para o registro de um processo de pesquisa que contém uma grande quantidade de reflexões não totalmente realizadas. Na edição de Engels, novamente a impressão que se tem é a de que problemas elementares foram em grande medida resolvidos e que se trata apenas de uma questão decorrente de uma exposição incompleta.

Se a estrutura original do terceiro capítulo ainda permanece visível na edição de Engels, a edição mudou completamente a ênfase do quinto capítulo. Como

6 As cartas da década de 1870 atestam que em 1865 Marx estava longe de completar a sua teoria da crise. Ele dizia, por exemplo, em uma carta a Danielson de 10 de abril de 1879, que não poderia aprontar o segundo volume de *O capital* (que abrangeria o Livro 2 e o Livro 3) “antes de que a crise industrial do momento na Inglaterra tenha atingido seu ponto alto. Desta vez os fenômenos são únicos, eles se distinguem em muitos aspectos dos anteriores... Portanto, é preciso observar o processo presente até as coisas amadurecerem, pois só então será possível ‘consumi-las de modo produtivo’, isto é, ‘teoricamente’” (Marx; Engels, 2000, p.370). É claro que se trata, para Marx, não só de incorporar como ilustração os dados da crise recente, mas também de derivar consequências para a teoria de crise.

7 Durante a exposição da sobreacumulação que segue no texto, Marx, entre outras coisas, também lida com as transformações do processo de exploração durante o ciclo industrial. No entanto, ele queria abstrair de tal movimento cíclico a exposição do modo de produção capitalista em sua “mídia ideal” (Marx, 1985, p.280). Se a sobreacumulação de capital só pode ser explicada por fenômenos cíclicos, então ela precisamente não é parte das leis gerais de movimento do modo de produção capitalista que deveriam ser descritas em *O capital*. Uma avaliação detalhada do desenvolvimento da teoria da crise de Marx e dos problemas teóricos resultantes pode ser encontrada em Heinrich (2014).

mostra o texto de Marx, o tema desse capítulo deveria ser o capital portador de juros. Marx dividiu esse capítulo em seis subcapítulos. Os primeiros quatro pontos correspondem aos quatro primeiros capítulos da Parte V da edição de Engels (Capítulos XXI a XXIV no Livro 3 de *O capital*). Marx chamou o ponto V de “Crédito. Capital fictício” (Marx; Engels, 1992, p.469). Engels compôs os capítulos XXV ao XXXV a partir desse material. Ao fazer isso, ele fez uma série de rearranjos textuais, colocou notas de rodapé no texto corrido, distribuiu um capítulo inteiro (“A confusão”), introduziu uma série de comentários de transição e, assim, obscureceu as passagens em que o texto de Marx não era mais uma apresentação madura, e sim um “processo de investigação” ou, às vezes, até mesmo apenas um fragmento. O ponto VI de Marx (“Relações pré-capitalistas”) corresponde ao último capítulo da Parte V na edição de Engels.

A estrutura, que nos escritos de Marx também indica a importância sistemática do tema tratado, apresenta o crédito como o último subponto (sistemático) na exposição do capital portador de juros. Engels projeta onze capítulos a partir desse quinto ponto. Não apenas por causa da extensão, mas também em razão da estruturação do material, surge a impressão de que a exposição do capital portador de juros é apenas uma introdução para a discussão do crédito. Isso também prevalece na terminologia dos comentadores: a Parte V é frequentemente chamada de “parte sobre o crédito”, mesmo que o crédito sequer seja mencionado no título.⁸

Nesse capítulo, Engels também fez alterações textuais, na medida em que o texto original ia ao encontro de sua própria interpretação. Marx introduziu o ponto V “Crédito. Capital fictício” com a seguinte frase: “Uma análise do sistema de crédito e dos instrumentos que ele cria para seu próprio uso, como crédito de dinheiro etc., encontra-se para além de nosso plano” (Marx; Engels, 1992, p.469).

Engels introduziu a palavra “aprofundada” aqui: “A análise aprofundada do sistema de crédito e dos instrumentos que ele cria para si (dinheiro de crédito etc.) está fora de nosso plano” (Marx, 1984b, p.301).

Ele tinha feito uma alteração semelhante anteriormente. No primeiro capítulo do manuscrito de Marx, a seguinte observação segue sob o subtítulo “Apreciação, depreciação, liberação e vinculação de capital”:

Os fenômenos aqui analisados exigem, para o seu pleno desenvolvimento, o sistema de crédito e a concorrência no mercado mundial [...]. Essas formas mais definitivas de produção capitalista, 1) só podem ser expostas, no entanto, após a natureza geral do capital ser compreendida, e 2) elas não entram no âmbito deste trabalho e pertencem à sua eventual continuação. (Marx; Engels, 1992, p.178)

8 Nas suas últimas cartas, o próprio Marx indica uma ampliação dessa seção em direção a uma teoria do crédito. No manuscrito de 1864/1865, porém, essa ampliação ainda não estava pronta; a seção a que aludia nas suas cartas não fora escrita. Teria sido necessária uma reelaboração fundamental do material pronto no manuscrito de 1864/1865. Também não está claro em qual nível de abstração teria sido exposto o sistema de crédito em geral.

Engels introduziu “de forma mais abrangente” no segundo período: “essas formas mais concretas da produção capitalista só podem ser apresentadas de forma mais abrangente [...]” (Marx, 1984b, p.85).

Portanto, ainda que Marx repetidamente declare com clareza que a exposição do sistema de crédito está *para além* de seu plano, essa afirmação é relativizada de modo crucial nas passagens citadas. Como consequência dessas inserções, a diferença qualitativa entre o que pode ser tratado no nível da exposição alcançada e o que não pode ser está obstruída e reduzida a um mero problema quantitativo: uma exposição “mais abrangente” e “exaustiva”, que está para além do plano, confronta-se com a exposição menos abrangente disponível. Assim, Engels pode incluir no *corpus* de *O capital* todos os tipos de pontos mencionados por Marx – embora eles ainda não possam ser apresentados de forma sistemática no nível de abstração atingido. Para Engels, isso parecia ser um acabamento aparentemente incontestável. A exposição estruturada dialeticamente, que era o objetivo de Marx e na qual a sequência correta de termos e categorias é crucial para a compreensão do seu significado, é alterada em uma mera coleção enciclopédica na redação de Engels.

Essas diferenciações não são meras minúcias, como pode ser visto na teoria do crédito. Para o conceito de exposição de Marx, a questão central é se as leis inerentes ao crédito podem de fato ser discutidas no nível altamente abstrato de *O capital*, ou se elas estão ligadas a uma série de fatores institucionais historicamente específicos, como a constituição do dinheiro e do sistema bancário, de modo que não possa haver uma teoria geral do crédito. No manuscrito de Marx, essa questão continua em aberto. Engels escolhe uma apresentação do material de pesquisa, encontrado no manuscrito de Marx sobre o nível geral, que leva à acusação contra Marx de que ele havia generalizado indevidamente as condições históricas específicas do sistema de crédito do século XIX na Inglaterra.⁹

Produção mercantil e produção capitalista

Engels teve uma influência considerável sobre a interpretação de *O capital* com seu capítulo “Lei do valor e taxa de lucro” no Adendo do Livro 3. Lá, ele alegou a existência de uma produção mercantil simples vários milênios antes da

9 Outra modificação textual de Engels (provavelmente decorrente de um erro de decifração) deve ainda ser mencionada brevemente. Marx acrescentou ao seu texto entre parênteses (um destaque feito por Marx, que Engels, como muito outros, suprimiu): “(Uma forma de título de crédito. Sabe-se que, quando o dinheiro funciona como meio de pagamento, em vez de meio de compra, a mercadoria é alienada, mas o seu valor só é realizado depois. Uma vez que ocorra o pagamento, depois da mercadoria ser vendida, a venda não aparece como a consequência da compra, mas é pela venda que a compra se realiza. E a venda se torna um meio para a compra.) (Em segundo lugar, o título de dívida (letra de câmbio etc.) se torna meio de pagamento para o credor.) (Em terceiro lugar, a compensação do título de dívida substitui o dinheiro.)” (Marx; Engels, 1992, p.441). De “uma forma de título de crédito”, Engels fez: “uma forma específica de crédito” (Marx, 1984b, p.276). Enquanto “forma de título” tem a ver com o nexos conceitual das categorias (da função do dinheiro como meio de pagamento ao crédito e ao dinheiro de crédito), a “forma específica” se aproxima de uma sistematização das diversas formas de crédito empiricamente verificáveis.

produção mercantil capitalista, na qual as mercadorias eram trocadas de acordo com o tempo de trabalho necessário para a sua produção. Ele cita uma observação casual feita por Marx para provar que essa também tinha sido sua opinião (“é bastante adequado considerar os valores das mercadorias não só teoricamente, mas também historicamente, como anteriores aos preços de produção” [cf. Marx, 1985, p.325; o trecho citado está em Marx, 1984b, p.138]). Pode ser uma questão para historiadores econômicos se tal “produção mercantil simples” já existiu ou não, mas a conclusão de Engels a partir dessa afirmação é significativa para a interpretação de *O capital*: a primeira parte do Livro 1 seria a exposição das leis desse modo (portanto, pré-capitalista) de produção mercantil (Marx, 1985, p.326). Ao fazê-lo, Engels promoveu uma leitura histórica de *O capital* que já podia ser encontrada na difundida popularização de *O capital* por Kautsky (1887). Mercadoria e dinheiro, tal como são apresentados no início do primeiro livro de *O capital*, são, assim, convertidos em categorias de situações pré-capitalistas e o problema (teórico) da transformação dos valores em preços de produção é transformado em uma sucessão histórica. No entanto, como a introdução de 1857 mostra a partir do exemplo do termo “trabalho”, Marx estava ciente do problema de que categorias aparentemente simples significam coisas diferentes em relações de produção distintas.¹⁰

Como Marx esclarece já na primeira frase de *O capital*, ele não está analisando a mercadoria de uma produção mercantil simples, pré-capitalista, mas sim a mercadoria como uma “forma elementar” da “riqueza dessas sociedades em que domina o modo de produção capitalista” (Marx, 1983, p.45).¹¹

Também de forma clara, ao revisar a argumentação do último capítulo de seu manuscrito, Marx afirma: “no caso das categorias mais simples do modo de produção capitalista, nos casos de mercadorias e dinheiro, nós já salientamos o caráter mistificador [...]” (Marx; Engels, 1992, p.848 et seq.).

Engels, no entanto, sustenta essa afirmação com o seu próprio entendimento do que é apresentado no início de *O capital* e transforma essa frase em: “Ao examinar as categorias mais simples do modo de produção capitalista, e mesmo da produção de mercadorias, ao examinar a mercadoria e o dinheiro, já demonstramos o caráter mistificador [...]” (Marx, 1984b, p.277).

Mercadorias e dinheiro já não são mais as categorias mais simples do modo de produção capitalista, mas da produção mercantil.

Conclusões

O livro publicado por Engels em 1894 não é uma mera edição do manuscrito de Marx, mas uma considerável adaptação do manuscrito original. Apenas um

¹⁰ Os estudos de Karl Polanyi et al. (1957), por exemplo, mostram quão distantes essas diferenças podem ser.

¹¹ Nos três primeiros capítulos de *O capital*, enquanto Marx analisa a “circulação de mercadorias simples” como a parte mais abstrata do modo de produção capitalista, Engels tinha em mente uma “produção de mercadorias simples” pré-capitalista como o objeto desses três capítulos. Para uma discussão sobre as diferenças entre essas noções, ver Hecker (2002).

pequeno número de intervenções de Engels é explicitado. A grande parte das alterações permanece obscura para os leitores. As próprias intervenções não são apenas de natureza formal ou estilística; elas enganam os leitores sobre a extensão real da reelaboração, oferecem soluções para problemas que o manuscrito deixou em aberto (sem esclarecimentos de que essas são soluções de Engels!) e, em algumas passagens que podem obstruir a interpretação de Engels, elas ainda alteram a argumentação do texto original. Portanto, a edição de Engels já não pode ser considerada como o Livro 3 de *O capital* de Marx; não é o texto de Marx “na completa genuinidade de sua própria exposição”, tal como Engels escreveu no Adendo (Marx, 1985, p.321), mas uma forte edição dessa exposição, uma espécie de manual com uma interpretação prévia do manuscrito de Marx.

O fato de Engels não empreender uma editoração que cumprisse as exigências modernas é bastante compreensível do ponto de vista daqueles tempos. O trabalho editorial não precisava cumprir tais exigências elevadas referentes à fidelidade textual, como hoje é necessário. A um editor era dada uma liberdade muito maior do que hoje em dia, ainda mais se ele fosse intelectualmente próximo ao autor editado. Além disso, era mais importante para Engels publicar um livro que pudesse servir de arma intelectual para a classe trabalhadora na luta de classes; que fosse, portanto, compreensível e atual. E, com toda a crítica que pode ser feita, não devemos esquecer que foi um feito incrível publicar esse manuscrito, sobre o qual Marx uma vez disse, em carta a Engels, que ninguém no mundo poderia publicá-lo de uma forma legível, exceto ele mesmo (carta de 13 de fevereiro de 1866).

Mesmo assim, toda a compreensão dos motivos e dos procedimentos de Engels não pode alterar, em absoluto, a avaliação de que o texto que foi apresentado não é, de nenhuma maneira, o terceiro livro de *O capital*. Cada discussão futura da teoria econômica de Marx terá que se referir ao manuscrito original de Marx.

Contudo, esse manuscrito também não pode simplesmente ser considerado como o terceiro livro de *O capital*, a julgar pela elaboração do primeiro livro. Ele é, de fato, um “primeiro rascunho incompleto”, como Engels mencionou no prefácio. Só que as lacunas não são apenas de natureza quantitativa. O problema não é apenas que Marx não teve tempo suficiente para realizar de modo pleno um quadro já completamente esboçado. Em muitas passagens, sequer fica claro, a partir do que havia sido feito, o que os esboços deviam ser. Marx estava longe de resolver todos os problemas conceituais de sua empreitada. As peças já apresentadas – sua teoria do valor e do dinheiro no primeiro livro – incluem uma série de ambivalências¹² que fazem parecer questionável se poderia ter sido possível concluir *O capital* a partir do que já havia sido feito.

12 Na obra de Marx podemos encontrar uma superposição de dois discursos: por um lado, a ruptura com o campo teórico da economia política clássica; por outro, a permanência dentro desse campo em muitos aspectos. A superposição de tais discursos produz um grande número de problemas não resolvidos e ambivalências (Heinrich, 2014).

Referências bibliográficas

- GIDE, C.; RIST, C. *Geschichte der volkswirtschaftlichen Lehrmeinungen*. Jena: 1913.
- HECKER, R. Einfache Warenproduktion oder einfache Warenzirkulation – die Debatte um die Ausgangskategorie des *Kapital*. In: *Wissenschaftliche Mitteilungen Heft I: In Memoriam Wolfgang Jahn*. Der ganze Marx. Berliner Verein zur Förderung der MEGA-edition e.V. Hamburg: Argument Verlag, 2002, p.81-91.
- HEINRICH, M. Capital in general and the structure of Marx's *Capital*: New insights from Marx's Economic Manuscripts of 1861-63. *Capital & Class*, n.38, p.63-79, 1989.
- _____. *Der Wissenschaft vom Wert*. Die Marxsche Kritik der politischen Ökonomie zwischen wissenschaftlicher Revolution und klassischer Tradition. 6.ed. Münster: Westfälisches Dampfboot, 2014.
- _____. Gibt es eine Marxsche Krisentheorie? Die Entwicklung der Semantik von Krise in den verschiedenen Entwürfen zu einer Kritik der politischen Ökonomie. Beiträge zur Marx-Engels Forschung Neue Folge: Engels Druckfassung versus Marx' Manuskripte zum III. Buch des *Kapital*. Berlin: Argument Verlag, 1995, p.130-150.
- JUNGNICKEL, J. Bemerkungen zu den von Engels vorgenommenen Veränderungen am Marxschen Manuskript zum dritten Band des *Kapitals*. Beiträge zur Marx-Engels Forschung Neue Folge: Studien zum Werk von Marx und Engels. Hamburg: Argument Verlag, 1991, p.130-138
- KAUTSKY, K. *Karl Marx Oekonomische Lehren: Gemeinverständlich dargestellt und erläutert*. Stuttgart: 1887.
- MARX, K. *O capital*. Crítica da economia política. Livro 1. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- _____. *O capital*. Crítica da economia política. Livro 2. São Paulo: Abril Cultural, 1984a.
- _____. *O capital*. Crítica da economia política. Livro 3, t.1. São Paulo: Abril Cultural, 1984b.
- _____. *O capital*. Crítica da economia política. Livro 3, t.2. São Paulo: Abril Cultural, 1985.
- MARX, K.; ENGELS, F. Briefe Juli 1870 bis Dezember 1874. *Marx-Engels Werke*, 33. Berlin: Dietz Verlag, 1984.
- _____. Briefe Januar 1888 bis Dezember 1890. *Marx-Engels Werke*, 37. Berlin: Dietz Verlag, 1986.
- _____. Briefe April 1883 bis Dezember 1887. *Marx-Engels Werke*, 36. Berlin: Dietz Verlag, 1987.
- _____. Karl Marx Ökonomische Manuskripte 1863-1867. *Marx-Engels Gesamtausgabe* (MEGA), II, 4.2. Berlin: Dietz Verlag, 1992.
- _____. Briefe Januar 1875 bis Dezember 1880. *Marx-Engels Werke*, 34. Berlin: Dietz Verlag, 2000.
- MISKEWITSCH, L.; WIGODSKI, W. Über die Arbeit von Marx am II. und III. Buch des *Kapital* in den Jahren 1866 und 1867. *Marx-Engels Jahrbuch*, n.8. Berlin: Dietz Verlag, 1985, p.198-212.
- POLANYI, K.; ARENSBERG, C.; PEARSON, H. (Orgs). *Trade and Markets in the Early Empires: Economies in History and Theory*. Glencoe, 1957.
- ROSDOLSKY, R. *Gênese e estrutura de O capital de Karl Marx*. Trad. Cesar Benjamin. Rio de Janeiro: Eduerj/Contraponto, 2001.

VOLLGRAF, C.-E.; JUNGNICHEL, J. Marx in Marx' Worten? Zu Engels' Edition des Hauptmanuskripts zum dritten Buch des *Kapital*. *MEGA-Studien*, n.2. Berlin: Dietz Verlag, 1994, p.3-55.

Resumo

Em 1993, o manuscrito de Marx de 1864-1865, usado por Engels como base para o Livro 3 de *O capital*, tornou-se disponível como parte da Marx-Engels Gesamtausgabe (MEGA). Portanto, agora é possível comparar o manuscrito original com a versão publicada por Engels. Essa comparação revela que Engels fez modificações relevantes, apesar de ele alegar ter restringido seu papel ao de apresentar fielmente a obra do próprio Marx. As mudanças no texto de Marx incluíram o projeto de novos títulos de capítulo, a inclusão de novos subtítulos e transposições textuais, omissões e inserções. As mudanças tiveram impacto real no texto, em especial na área da teoria de crise, da teoria do crédito e na da relação entre o capitalismo e a produção de mercadorias. O pensamento de Marx era muito mais ambivalente e muito menos desenvolvido do que ele parece ser baseando-se na edição de Engels, e é duvidoso se estavam disponíveis os materiais para completar *O capital*. De todo modo, pesquisas futuras sobre o pensamento de Marx devem se voltar para os manuscritos da MEGA, e não para o Livro 3 de Engels. **Palavras-chave:** Livro 3 de *O capital*, edição de Engels, obra completa, modificações textuais.

Abstract

In 1993, Marx's manuscript of 1864-1865, used by Engels as the basis for Volume III of the *Capital*, became available as part of the Marx-Engels Gesamtausgabe (MEGA). It is therefore now possible to compare the original ms. with the version published by Engels. This comparison reveals that Engels made significant modifications, despite his own claim to have restricted his role to one of faithfully presenting Marx's own work. Changes to Marx's text include design of headings, insertion of sub-headings, and textual transpositions, omissions and insertions. The changes have real impacts on the text, especially in the area of crisis theory, the theory of credit, and the relation between capitalism and commodity production. Marx's thinking was far more ambivalent and much less developed than it appears to be on the basis of Engels' editing, and it is doubtful whether the materials were available to complete *Capital*. In any case, future study of Marx's thought must turn to the MEGA mass. rather than to Engels' Volume III.

Keywords: Volume III of *Capital*, Engels' edition, complete work, textual changes.

CONSULTE A BIBLIOTECA VIRTUAL DA *CRÍTICA MARXISTA*

<http://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista>

CRÍTICA marxista

**Miséria na filosofia marxista:
Postone leitor do *Capital***
Jacques Bidet

A crise mundial e suas consequências
Maria de Lourdes Rollemberg Mollo

Lukács e a necessidade social da religião
Ranieri Carli

Ideologia e educação estética no cinema
Ronaldo Rosas

**Documento: Carta ao Comitê Central
do Partido Comunista**
Louis Althusser

41